

Narciso Luís Esteves Serra

**“O Mosteiro de S. Fins. Classificar para Valorizar? Estudo de Caso.”**



Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Gestão e Valorização do Património  
Histórico e Cultural

**Orientador:** Professora Doutora Antónia Fialho Conde

**Volume II – Anexos**

**Universidade de Évora**

Outubro de 2011

Narciso Luís Esteves Serra

**“O Mosteiro de S. Fins. Classificar para Valorizar? Estudo de Caso.”**



Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Gestão e Valorização do Património  
Histórico e Cultural

**Volume II – Anexos**

**Universidade de Évora**

Outubro de 2011

# Índice

Anexo I - Memória Fotográfica .....	6
Mosteiro de S. Fins – Contextualização Geográfica .....	6
Mosteiro de S. Fins – Comparação de Imagens (Antes e Depois das Obras De restauro) - Exteriores .....	7
Mosteiro de S. Fins – Comparação de Imagens (Antes e Depois das Obras De restauro) – Interiores .....	11
Anexo II - Plantas e Projectos .....	13
Mosteiro de S. Fins – Comparação de Volumetrias (Antes e Depois das Obras De restauro)	13
Anexo III - S. Fins, Hoje .....	15
Espaços.....	15
Pormenores artísticos .....	18
Anexo IV - Proposta de Valorização do Mosteiro .....	21
Memória Descritiva.....	21
Proposta de Valorização – Projecto .....	25

## Índice de Ilustrações

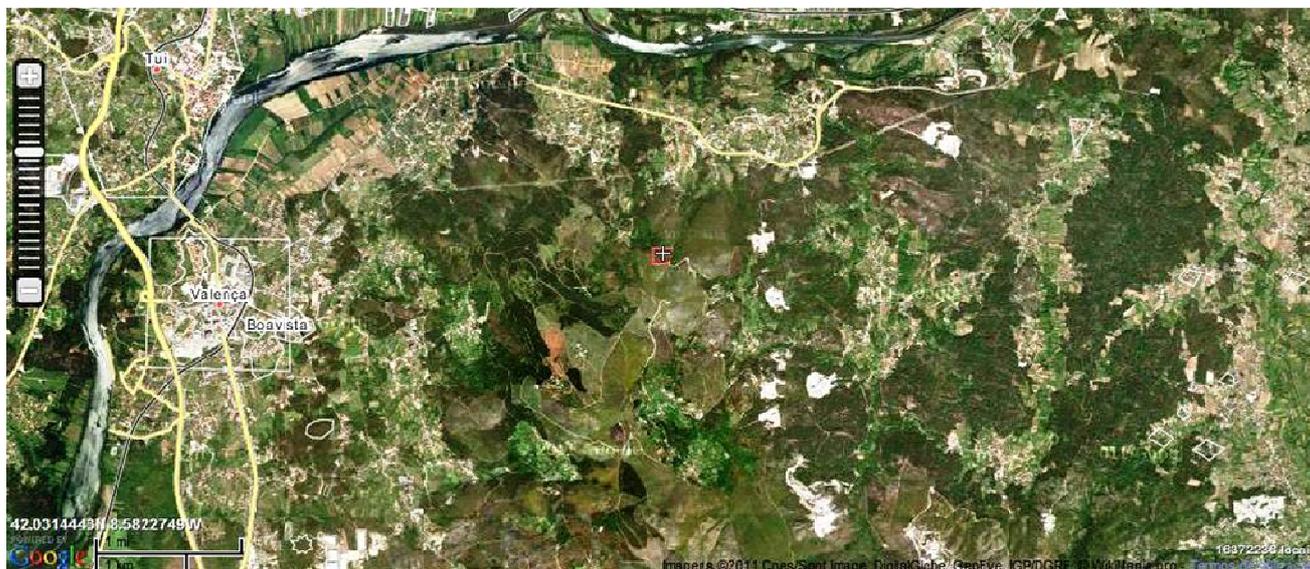
Ilustração 1 – Georreferenciação (Fotografia Aérea). Em cima, a posição do Mosteiro face à sede de Concelho. Em baixo, acessibilidade e implantação do Mosteiro no espaço. ....	6
Ilustração 2 – Comparação de volumetrias do Mosteiro antes e depois do restauro.....	7
Ilustração 3 – Fachada Norte antes e depois da desanexação. ....	8
Ilustração 4 – Processo de desanexação do Nártex. Configuração final da Igreja. ....	9
Ilustração 5 – Eliminação da Torre Sineira e libertação da Abside. ....	10
Ilustração 6 – Fachada Central. Pórtico de entrada - Antes das Obras (no interior no Nártex) e Depois das Obras (a descoberto).....	11
Ilustração 7 – Interior da Igreja. Destaca-se a eliminação total da carga decorativa, assim como de todo o reboco que revestia as paredes. ....	12
Ilustração 8 – Evolução da Planta do Conjunto Monástico.....	13
Ilustração 9 – Evolução da Planta da Igreja, ainda com representação do Nártex. ....	14
Ilustração 10 - Conjuntos de Espaços do Mosteiro. Em cima, Igreja e Arcos Manuelinos do antigo Claustro. Em baixo, Cerca/Aqueduto que serve de porta de entrada para o conjunto. Antigo espaço residencial.....	15
Ilustração 11 - Em cima, Tímpano do pórtico principal. Em baixo, espaço claustal.....	16
Ilustração 12 – Em cima, Espaço Residencial em avançado estado de ruína. Em baixo, escada de acesso à Igreja e Interior da Igreja. ....	17
Ilustração 13 – A sépia, pormenores de capitéis românicos provenientes da Abside. A cores, em cima, <i>mochetas</i> em forma de Leão, e capitel historiado. ....	18
Ilustração 14 – Na vertical, coluna embutida no edifício. Em cima, Modilhões (cachorrada) estilizados. Em baixo, Arcos Manuelinos. ....	19
Ilustração 15 - Tentativa de roubo de parte da fachada da igreja.....	20
Ilustração 16 - Requalificação do Deambulatório. Perspectiva integrada do Conjunto. ....	25
Ilustração 17 – Vista frontal da igreja. ....	25
Ilustração 18 – Requalificação do espaço claustal.....	26
Ilustração 19 - Perspectiva aérea do Mosteiro.....	26
Ilustração 20 - Panorâmica geral do Mosteiro.....	27
Ilustração 21 – Aparência do Conjunto visto a partir da Quinta. ....	27

Ilustração 22 - Deambulatório..... 28

Ilustração 23 – Deambulatório. Pormenor, ao fundo, da requalificação do espaço residencial.. 28

## Anexo I - Memória Fotográfica

### Mosteiro de S. Fins – Contextualização Geográfica



**Ilustração 1 – Georreferenciação (Fotografia Aérea). Em cima, a posição do Mosteiro face à sede de Concelho. Em baixo, acessibilidade e implantação do Mosteiro no espaço.**

Mosteiro de S. Fins – Comparação de Imagens (Antes e Depois das Obras De restauro) - Exteriores



**Ilustração 2 – Comparação de volumetrias do Mosteiro antes e depois do restauro.<sup>1</sup>**

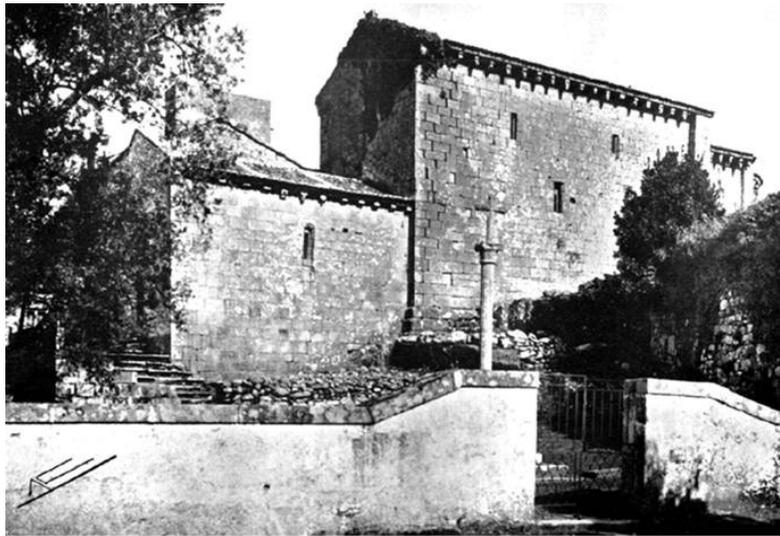
<sup>1</sup> Cf. S. Fins de Friestas. N.º11, Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Ministério da Obras Públicas e Comunicações. Porto: Maranus, 1938. Figs. 16, 17.



**Ilustração 3 – Fachada Norte antes e depois da desanexação.<sup>2</sup>**

---

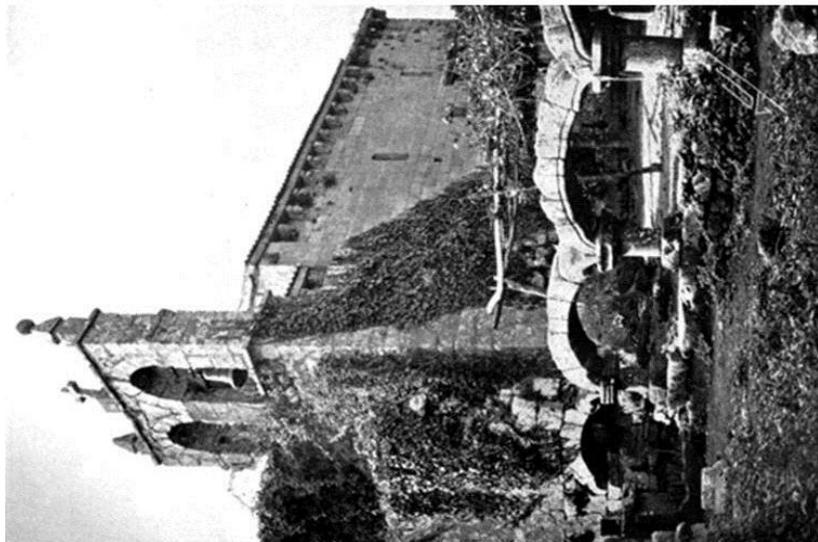
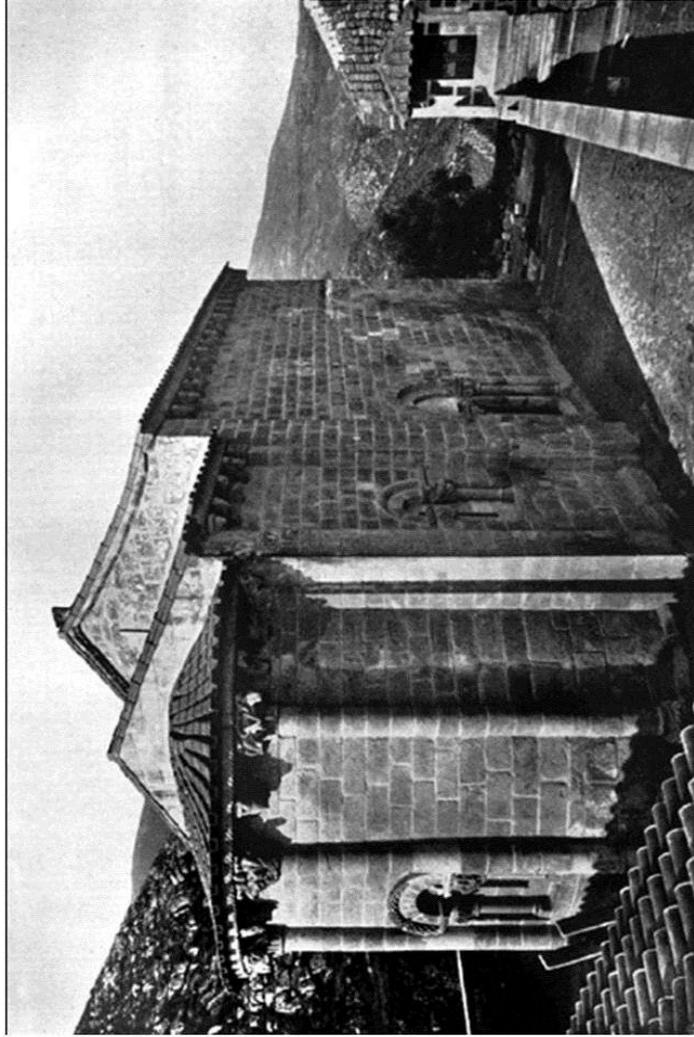
<sup>2</sup> Ob. Cit. Figs. 43, 44



**Ilustração 4 – Processo de desanexação do Nártex. Configuração final da Igreja.<sup>3</sup>**

---

<sup>3</sup> Ob. Cit. Figs. 14, 18, 15.

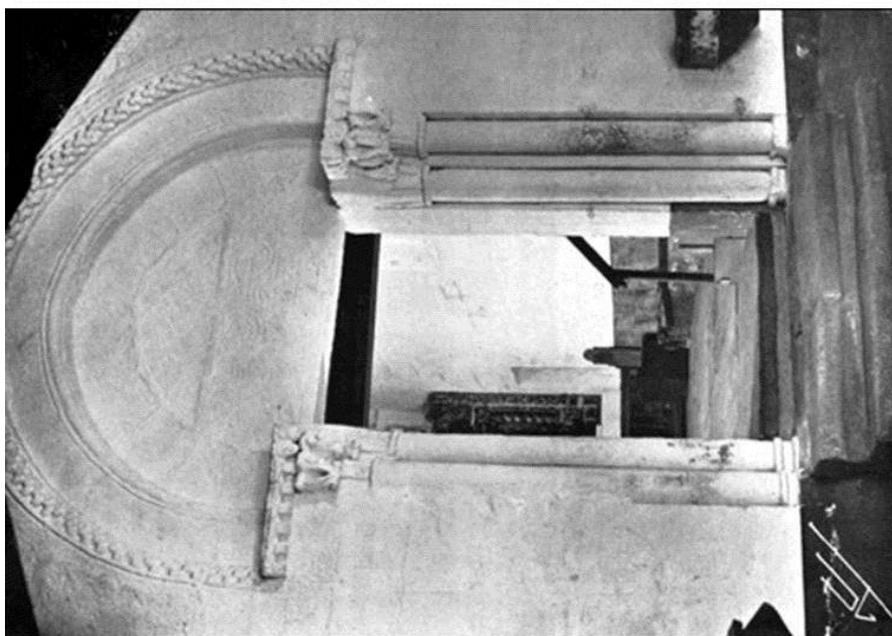
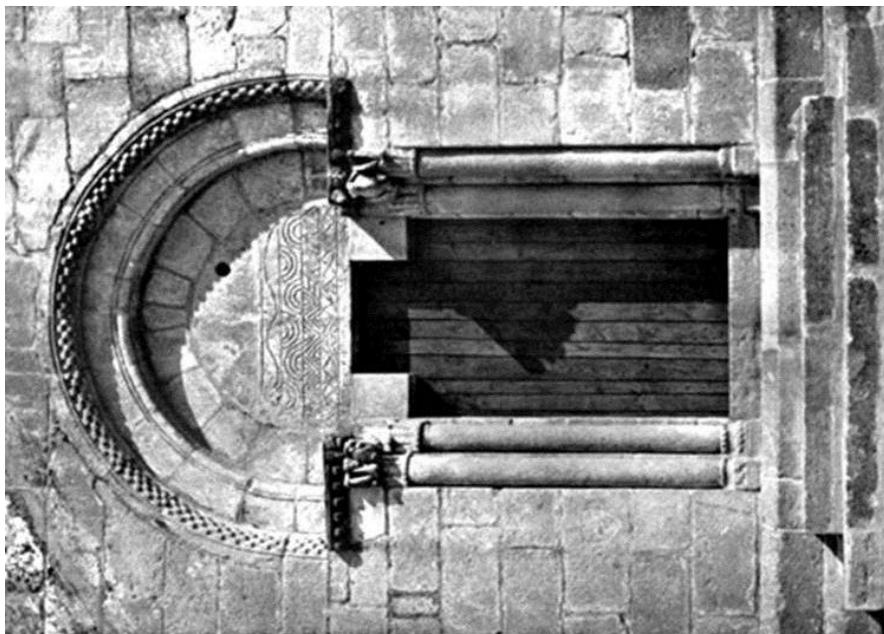


**Ilustração 5 – Eliminação da Torre Sineira e libertação da Abside.<sup>4</sup>**

---

<sup>4</sup> Ob. Cit. Figs. 30, 32.

Mosteiro de S. Fins – Comparação de Imagens (Antes e Depois das Obras  
De restauro) – Interiores



**Ilustração 6 – Fachada Central. Pórtico de entrada - Antes das Obras (no interior no Nártex) e Depois das Obras (a descoberto)**



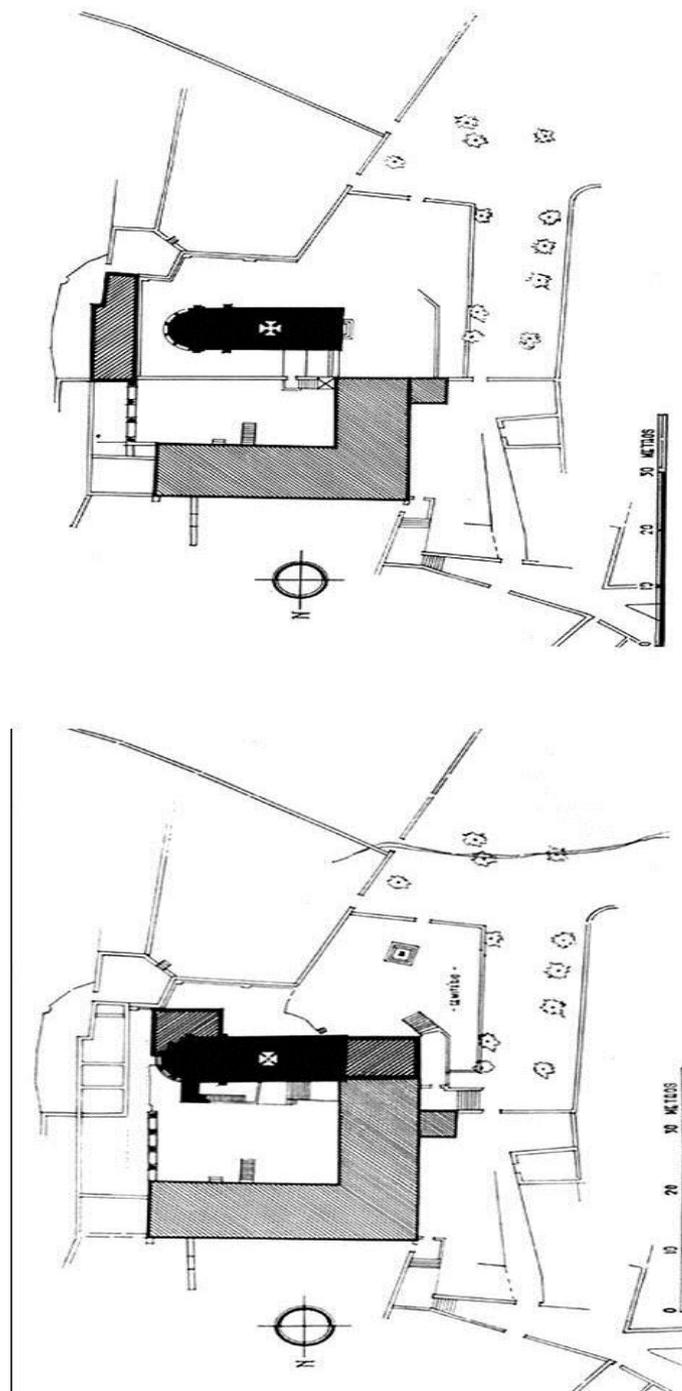
**Ilustração 7 – Interior da Igreja. Destaca-se a eliminação total da carga decorativa, assim como de todo o reboco que revestia as paredes.<sup>5</sup>**

---

<sup>5</sup> Ob. Cit. Figs. 41, 42.

## Anexo II - Plantas e Projectos

### Mosteiro de S. Fins – Comparação de Volumetrias (Antes e Depois das Obras De restauro)



**Ilustração 8 – Evolução da Planta do Conjunto Monástico.<sup>6</sup>**

<sup>6</sup> Ob. Cit. Figs. 1, 2.

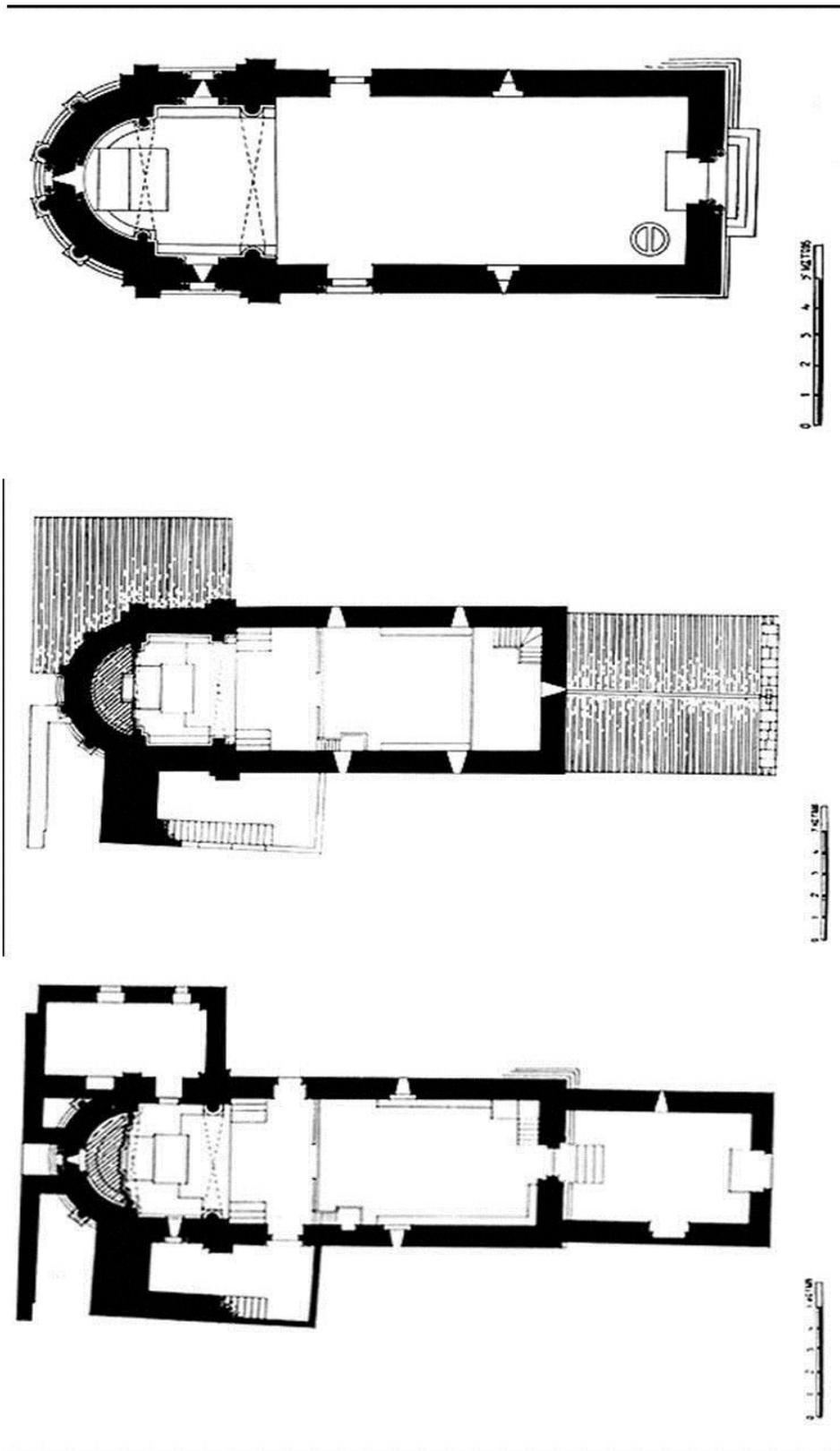


Ilustração 9 – Evolução da Planta da Igreja, ainda com representação do Nártex.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Ob. Cit. Figs. 3, 5, 4.<sup>2</sup>

## Anexo III - S. Fins, Hoje

### Espaços



**Ilustração 10 - Conjuntos de Espaços do Mosteiro. Em cima, Igreja e Arcos Manuelinos do antigo Claustro. Em baixo, Cerca/Aqueduto que serve de porta de entrada para o conjunto. Antigo espaço residencial.<sup>8</sup>**

---

<sup>8</sup> Fotografias do Autor, 2011



**Ilustração 11 - Em cima, Tímpano do pórtico principal. Em baixo, espaço claustral.<sup>9</sup>**

---

<sup>9</sup> Fotografias do Autor, 2011



**Ilustração 12 – Em cima, Espaço Residencial em avançado estado de ruína. Em baixo, escada de acesso à Igreja e Interior da Igreja.<sup>10</sup>**

---

<sup>10</sup> Fotografias do Autor, 2011

## Pormenores artísticos



**Ilustração 13 – A sépia, pormenores de capitéis românicos provenientes da Abside. A cores, em cima, *mochetas* em forma de Leão, e capitel historiado.<sup>11</sup>**

---

<sup>11</sup> Fotografias do Autor, 2011



**Ilustração 14 – Na vertical, coluna embutida no edifício. Em cima, Modilhões (cachorrada) estilizados. Em baixo, Arcos Manuelinos.<sup>12</sup>**

---

<sup>12</sup> Fotografias do Autor, 2011



**Ilustração 15 - Tentativa de roubo de parte da fachada da igreja.<sup>13</sup>**

---

<sup>13</sup> Autor desconhecido, 2011

## **Anexo IV - Proposta de Valorização do Mosteiro**

### Memória Descritiva<sup>14</sup>

A proposta de valorização do Mosteiro de S. Fins entende-se como uma solução apurada ao desafio de criação de uma solução para um contexto específico. Este contexto específico, moldado por um contexto global, deriva da época contemporânea em que vivemos, de carácter emergente, caracterizada por uma latente e justa necessidade de afirmação cultural.

Esta pertinência implica desafios crescentes incentivadores no crescimento e desenvolvimento, transmitindo responsabilidades e desafios regionais. Daí surge a necessidade de reutilização do património para criar um equipamento cultural atraente e potenciador de dinâmicas sociais, oferecendo aos visitantes, um sistema integrado nas suas dimensões ética, cultural, científica, artística, técnica e profissional, através da criação de um ambiente educativo adequado.

Este equipamento encontra posição numa estratégia de longo prazo, como peça chave na criação de um centro de cultura, contribuindo, não apenas para um presente lúdico, mas também, para a educação e formação de gerações futuras, despertando sensibilidades, novos olhares críticos e visões criativas.

A arquitectura deve portanto, ser uma base, como que um receptáculo, que torne possível a concretização dinâmica de todos estes conceitos e consequentemente esboçado na perspectiva de estreitar as relações culturais, tendo em conta factores de modernização e competitividade. Formação de um processo cultural; que possa recolher diferentes abordagens às artes e à cultura, com metodologias de abordagem expositiva diferenciadas, pessoal e especializado; potenciando capacidades, alargando possibilidades de iniciativas e simpatia do público-alvo.

A arquitectura, na sua concretização conceptual e formal, deve responder de forma precisa, imediata e funcional à necessidade de atracção de visitantes e criação de iniciativas, determinando assim uma relevância social.

---

<sup>14</sup> **Arquitectura** – Carla Lima

Criação de um equipamento que interage directamente com o contexto das vidas dos utilizadores e cidadãos, que por sua vez reagem e interagem reciprocamente com a arquitectura.

A proposição deverá ser translúcida no seu organigrama funcional de forma a poder integrar e contribuir numa convivência diária de reconhecimento cultural.

Criação de uma organização adaptada, que sirva de fundamento urbano, caracterizador do local, harmonizando-se como um elemento relevante, original, de carácter único e atraente, mas racional na sua implantação, respondendo de forma cuidadosa à realidade da envolvente.

A proposta apresenta aspectos de economia de escalas, na maneira como se articulam as áreas e respectivo programa, potenciando uma eficácia da gestão, rentabilizando recursos humanos nas áreas comuns, nomeadamente, na recepção e armazenamento, gabinetes, galerias, salas, serviço administrativos, biblioteca, bar, espaços exteriores, entre outros.

Analizamos o projecto com uma abordagem objectiva ao programa, necessidades e suas condicionantes. Esta existência pronuncia-se num conceito de um método de maximização funcional, conduzindo com sensatez todas as variáveis de projecto, sem, no entanto, esquecer a dinâmica e a poética que a arquitectura deve traduzir, completando-se numa fruição espacial de qualidade, inspirada pela temática do complexo, tentando materializar a poesia do gesto numa rigorosa concretização técnica e funcional.

A arquitectura que se pensou neste projecto adopta a ousadia, o carácter e a nobreza que um equipamento deste tipo merece. Com o entendimento claro da necessidade de uma resposta ética. Este conceito advém da responsabilidade do gesto, do pensamento e da concepção, que implica aliar todos os elementos e variáveis de forma racional e, mais uma vez, responsável.

A metodologia usada neste projecto não se baseia apenas na tipologia do edifício. Pretende, para além de uma resposta clara ao programa, aliar conceitos emergentes e inovadores, fazendo com a que a arquitectura não seja apenas funcional, mas sim contemplada, sem perder a consciência do gesto.

Desenvolve-se uma abordagem ao programa como uma produção de elementos e ideias.

Como forma de esquematizar o sistema racional de concepção, afastou-se pela divisão dos elementos em partes essenciais, analisadas e processadas, que depois se juntaram harmoniosa e funcionalmente num todo uno e adaptado.

Os edifícios são assim uma recolha de peças independentes que se agrupam, criando um sistema claro, moldado pelas pressões urbanas, condicionantes tipológicas, realidades topográficas, necessidades de funcionamento, sendo estes elementos agrupados sobre uma rótula estratificada de relações internas.

Pretendeu-se um gesto que nos reporta para a monumentalidade mas que “foge”, ao mesmo tempo, da mera ideia de exaltação pela dimensão. Trata-se, afinal, de uma edificação de referência humana.

#### *Aspectos Formais e Estéticos*

A forma é o efeito das relações internas, da adaptação do objecto ao terreno, que resulta das intenções arquitectónicas para o local.

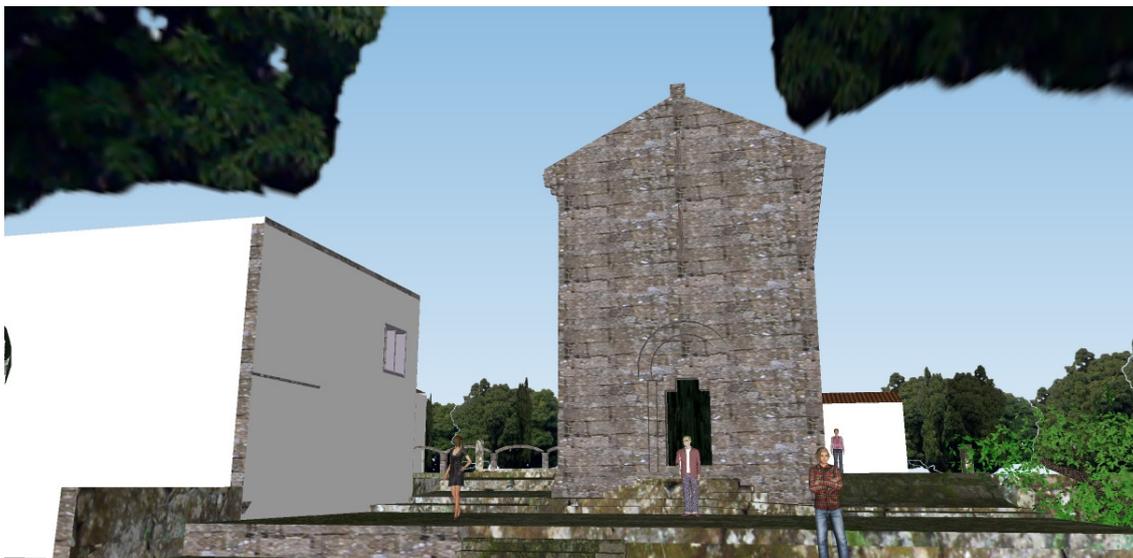
O objectivo é a de criação de um objecto marcante, sem perder escala ou racionalidade. A sua capacidade de atracção visual advém da qualidade formal e da maneira como aborda o terreno, as suas condicionantes e tensões, bem como da materialidade e do gesto que se reflecte em pormenores de interesse particular, criando uma vivência experimental enriquecida e particular.

A forma é a consequência da adaptação racional do sistema programático aos espaços exteriores e advém directamente de uma primeira concentração do programa e das respectivas áreas num volume maciço, que explodiu a partir de um núcleo, expandindo-se pelo terreno, abraçando os espaços vazios, criando vivências interiores e exteriores qualificadas.

A criação de um volume solto no terreno permite uma circulação de perímetro, hierarquizando acessos e percursos, tais como o afastamento aos terrenos e moradias

limítrofes, sendo este utilizado para um fim mais técnico, acesso para cargas e descargas ou acessos secundários ao edifício.

Proposta de Valorização – Projecto



**Ilustração 16 - Requalificação do Deambulatório. Perspectiva integrada do Conjunto.**



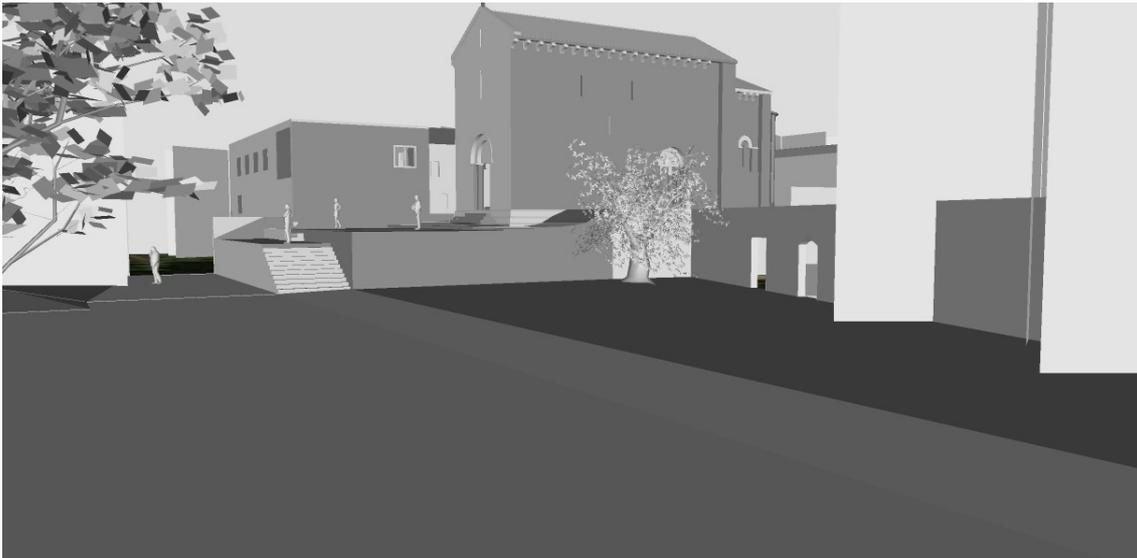
**Ilustração 17 – Vista frontal da igreja.**



**Ilustração 18 – Requalificação do espaço claustal**



**Ilustração 19 - Perspectiva aérea do Mosteiro.**



**Ilustração 20 - Panorâmica geral do Mosteiro**



**Ilustração 21 – Aparência do Conjunto visto a partir da Quinta.**



**Ilustração 22 - Deambulatório**



**Ilustração 23 – Deambulatório. Pormenor, ao fundo, da requalificação do espaço residencial.**